

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E O PROCESSO SUICIDA DE JOVENS HETERODISSIDENTES: ALGUMAS PROBLEMATIZAÇÕES

Eixo Temático GT 14 – Expressões de Gênero e Sexualidades nos Espaços da Escola

Breno Rafael da Costa ¹
Vagner Matias do Prado ²

RESUMO

O trabalho em questão parte de uma pesquisa em nível de mestrado, ainda em fase de revisão do projeto de investigação e que conta com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior – Brasil (CAPES), e busca situar, introdutoriamente, as possíveis relações existentes entre a escola e o processo suicida com jovens não-congruentes com a matriz heterossexual. Para isso, é feita uma revisão bibliográfica, sob a perspectiva *queer*, sobre as temáticas de gêneros, sexualidades e suicídios. Foi possível aproximar em plano teórico as discussões sobre a heteronormatividade presente nas instituições escolares, a homofobia interiorizada e o processo suicida, como também elencar problemáticas de pesquisa a serem aprofundadas futuramente.

Palavras-chave: Heteronormatividade; Escola; Processo Suicida; Homofobia interiorizada; Teoria *Queer*.

INTRODUÇÃO

A construção de currículos normativos e o policiamento constante e exaustivo sobre os corpos humanos podem ser observados em diferentes etapas do processo de escolarização (BARREIROS, 2016). Segundo Louro (2007), nas escolas se aprende que

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia - MG, b.rafacosta@gmail.com;

² Professor orientador: Pós-doutorado pela Faculdade de Educação do Universidade Estadual de Campinas, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Univerisade Federal de Uberlândia - MG, vagner.prado@ufu.br.

nem todas as expressões de gênero e de sexualidade são consideradas como válidas, principalmente aquelas que se afastam do modelo heterossexual, reprodutivo e pautado nas dicotomias de gênero.

Para Miskolci (2012) tais processos (de)formativos se sustentam na noção de heteronormatividade. Esta, é assumida pelo autor como a ordem sexual baseada no modelo heterossexual de família e reprodução e está presente nas instituições educativas.

Ainda que o projeto social heteronormativo extrapole os muros da escola, ele encontra nessa instituição um terreno fértil de reprodução (BENTO, 2011). Não sendo possível homogeneizar, nessa lógica, as experiências estudantis de distanciamento social e sofrimento mental quanto ao “estranho”. O despreparo da instituição educacional formal normativa que forja identidades binárias, pontua Miskolci (2012), faz ser um desafio tornar as violências visíveis e reavaliá-las.

As violências estrategicamente invisíveis são aquelas encontradas em uma pedagogia silenciosa, responsável por disciplinar e punir as vivências destoantes dos códigos heteronormativos (BARREIROS, 2016; LOURO, 2000). Essa punição circunscreve uma realidade social de risco a grupos de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais (LGBT). Mais que a produção de uma vulnerabilidade social, as vivências divergentes da premissa heteronormativa tornam, também, alguns grupos, emocionalmente mais vulnerabilizados.

Em muitos contextos de vulnerabilizações contra expressões de vida LGBT, é possível com que a/o próprio sujeito que foge dos regimes heteronormativos, ao ser constantemente submetido a discursos que negam seus desejos, passe a produzir uma subjetividade despotencializada. Ou seja, internalizam a ideia de que existiria algo “de errado” com seus gêneros e/ou sexualidades.

Da Silva e Barbosa (2014) atentam para a baixa autoestima, depressão, negação da própria sexualidade, negação de que a violência contra não heterossexuais é um problema sério, ataque a membros mais assumidos da comunidade, abuso de substâncias químicas e a separação entre sexo e amor são algumas das várias consequências do que alguns/mas autores/as têm chamado de *homofobia interiorizada*. A internalização dessa homofobia, reflexo das instituições heteronormativas, faz das pessoas heterodissidentes e trans grupos de risco ao suicídio (BOTEGA, 2015).

As concepções negativas em torno das vivências destoantes da matriz heterossexual, construídas no campo social e educacional, podem, segundo Teixeira-

Filho e Rondini (2012), reverberar na autopercepção que os/as LGBT possuem de si mesmos/as. Essas marcações interiorizadas forjam, muitas vezes, respostas emocionais radicais às violências, como, por exemplo, ideações e pensamentos suicidas (DA SILVA; BARBOSA, 2014).

Dito isso, o trabalho em questão pretende sistematizar algumas considerações teóricas iniciais sobre as possíveis relações existentes entre o autoextermínio de jovens LGBT e seus respectivos processos de escolarização. Este situa-se na recuperação de textos escritos sob a perspectiva *queer* no Brasil, em particular, artigos que refletem a respeito da instituição escolar e materiais encarregados de discutir a imbricação das seguintes temáticas: sexualidades e gêneros destoantes da matriz heterossexual e o suicídio.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O percurso seguido para a formulação do trabalho se insere na busca de referências, de estudiosos/as *queer*, que tem, há alguns anos, pensado a escola brasileira e seus efeitos perante as corporalidades e subjetividades LGBT. Soma-se a isso a revisão da bibliografia científica especializada em estudar os suicídios dos grupos citados. Neste recorte, foi feita uma tentativa de sistematizar as discussões e aproximar os conceitos considerados mais elementares para o desenvolvimento da pesquisa, sendo esses: heteronormatividade, escola, homofobia interiorizada e processo suicida.

É necessário ressaltar que as considerações postas aqui são parte da construção e realaboração de um projeto de mestrado em Educação em desenvolvimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A heterossexualidade é vista como sinônimo de felicidade e as vidas de todas as pessoas passam pelo crivo dessa norma. Berenice Bento em entrevista a Diego Dias afirma que a naturalização da heterossexualidade é de tal ordem que a sociedade não compreende os processos que produzem essa verdade (DIAS, 2014). É ensinado que a heterossexualidade é a única forma possível de desejo, como se as intuições repetissem em uníssono: sejam todos heterossexuais! (BENTO, 2011). Desse modo, as práticas destoantes dessa matriz são vigiadas, questionadas, sancionadas e, não raro, punidas.

As sexualidades aparecem como uma marca postulada no sexo, como se fossem um signo deste, normatizando assim a vida. Portanto, quando se diz que alguém “é um menino” ou “é uma menina” se produz masculinidades e feminilidades condicionadas apenas ao órgão genital. A questão é que, como destaca Bento, “a sexualidade e o gênero não têm nenhuma linha de continuidade. E a anunciação performática e precária “eu sou mulher” nada revela de minha/nossa/sua sexualidade” (DIAS, 2014, p. 484).

A todo o momento, as mais diversas instituições, através de atos repetitivos, são convidadas a produzirem saberes sobre a existência humana (BENTO, 2011; DIAS, 2014). Os espaços de escolarização não estão aquém dessa lógica, isto é, existem expectativas de gêneros sancionados e silenciados nas escolas (BENTO, 2011)

De acordo Barreiros (2016, p. 20), a maioria “das pessoas envolvidas no processo de ensino aprendizagem atua, de uma maneira ou outra, no sentido de defender a todo o custo as fronteiras da heteronormatividade”. A escola educa “heteronormativamente” e fragiliza, na maioria das vezes, as possibilidades de criação de uma existência humana digna e fundamental à prevenção do suicídio (BOTEGA, 2015). Por outro lado, as resistências e subversões aos códigos normativos também estão presentes nas escolas, fazendo da instituição um potencial espaço de reflexão sobre a temática.

As discriminações advindas de meios sociais, como as instituições escolares, resultam em culpa, medo, vergonha, raiva, ansiedade, em geral, questões que afetam a autoestima, como também a depressão e o maior risco de suicídio (TEIXEIRA-FILHO; RONDINI, 2012). Teixeira-Filho, Rondini e Bessa (2011, p. 734-735), em uma pesquisa feita com 2.232 estudantes do Ensino Médio afirmam que “vári@s adolescentes não-heterossexuais que já pensaram em se matar foram vítimas de discriminações e agressões, perpetradas por pessoas próximas e em diversos locais por onde circulam”, inclusive, por colegas de escola e professores/as.

A violência LGBTfóbica, segundo a pesquisa citada, está naturalizada no discurso e na educação dos/as jovens. Essas injúrias dificultam a construção de gêneros, sexualidades e subjetividades expressivas e autênticas. Essa invisibilização também pode ser um marco de risco suicida para pessoas LGBT, tornando complicada a busca por entendimento de si, ajuda profissional e acolhimento social (ibidem).

As agressões praticadas e reiteradas no campo escolar, ao marcar os/as LGBT e corroborar para a vulnerabilização emocional, pode caminhar para a construção de um *processo suicida*. O processo suicida é, para Bertolote (2012), complexo e resultante de fatores biológicos, psicológicos e sociais. Por essa razão, o processo suicida

representa, na leitura feita por Silva e Teixeira-Filho (2017, p. 2) “todo o arcabouço circunstancial deste fenômeno por acreditar que este possua uma trajetória, um percurso que não se inicia nas ideações supostamente subjetivas do suicídio, e que não se findam apenas nas tentativas suicidas”. Em síntese, o suicídio pode ser entendido como:

[...] um processo que se inicia com considerações mais ou menos vagas sobre a morte e sobre morrer (ideação suicida), as quais podem adquirir consistência (persistente ou recorrente, flutuante), evoluir para a elaboração de um plano (plano suicida) e culminar num ato suicida, cujo desfecho poder ser fatal (suicídio) ou não (tentativa de suicídio). (BERTOLOTE, 2012, p. 22)

Dito isso, ao se compreender as relações humanas como relações desenvolvidas dentro de uma prática heteronormativa, responsável por fragilizar emocionalmente as existências fora da norma por intermédio dos mecanismos de disciplinamento das instâncias heteronormativas, como as escolas, é possível começar a traçar uma ligação entre o processo suicida e as vivências de pessoas heterodissidentes e trans (DA SILVA; BARBOSA, 2014). Ou seja, a violência LGBTfóbica pode resultar em um enredo suicida ao considerar-se todo o trajeto do sofrimento e seu silenciamento.

Nesse sentido, a vulnerabilização emocional e as práticas de risco ao suicídio talvez possam ser lidas como uma forma de comunicação das dores resultantes da heteronormatividade presente nos espaços escolares. Por isso, o suicídio aparece como resposta a uma dor insuportável da qual a pessoa não encontra saída, essa não deseja necessariamente se matar, mas sim buscar que tudo seja diferente (FUKUMITSU; SCAVACINI, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resumo expandido em apreço procurou, a partir de parte da literatura *queer* que discute a escola e o suicídio de pessoas LGBT, estabelecer uma relação entre a instituição e o processo suicida. Foi possível indicar certa associação teórica entre a homofobia interiorizada, responsável por marcar pessoas heterodissidentes, e o enredo suicida destes jovens. Em particular, entre as violências construídas dentro do espaço escolar e suas concepções para vulnerabilização emocional dos sujeitos.

E, mais que isso, a imbricação das temáticas de gêneros, sexualidades e suicídios parece colocar-se diante de um conjunto de tabus que precisam ser quebrados, visto o silenciamento das temáticas nos ambientes escolares e os índices que indicam

maior risco de autoexterminio de pessoas LGBT (BOTEGA, 2015; ROCHA-BUELVAS, 2015).

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior – Brasil (CAPES).

REFERÊNCIAS

BARREIROS, Douglas Paulino. Pedagogia do insulto: a exclusão atuando no espaço escolar. In: **Revista Educação**. UNG: v.11, n.1. 2016.

BENTO, Berenice Alves de Melo. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. In: **Estudos Feministas**, 2011, v. 2, nº 19, 549-559. Acesso em maio de 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/21485>.

BERTOLOTE, José. Manoel. O suicídio e sua prevenção. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

BOTEGA, Neury José. **Crise Suicida: avaliação e manejo**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

DA SILVA, Laionel Vieira; BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira. Suicídio Ou Assassinato? Um Outro Crime Por Trás Da Prática Homofóbica. **Revista Gênero & Direito**, 2, p. 58 – 68, 2014.

DIAS, Diego Madi. Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 43, p. 475-497, Dez. 2014.

FUKUMITSU, Karina Okajima.; SCAVACINI, Karen. Suicídio e manejo psicoterapêutico em situações de crise: uma abordagem gestáltica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 198-204, dez. 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica/Editora UFPO, 2012.

ROCHA-BUELVAS, Anderson. El riesgo suicida y los significados de las minorias sexuales: un nuevo reto para la salud pública. **rev.fac.med.**, Bogotá, v. 63, n. 3, p. 537-544, Jul. 2015.



SILVA, Yasmin Aparecida Cassetari da; TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva. **Por que é tão difícil falar do suicídio entre jovens garotas?** Reflexões sobre saúde mental e lesbofobia na adolescência. Unesp. 2017.

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; RONDINI, Carina Alexandra. Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. **Saude soc.**, São Paulo v. 21, n. 3, p. 651-667, Set. 2012.

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; RONDINI, Carina Alexandra; BESSA, Juliana Cristina. Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 725-741, Dec. 2011.